

DF LETRAS

A REVISTA CULTURAL DE BRASÍLIA

ANO V Nº 51/53
CÂMARA LEGISLATIVA DO DISTRITO FEDERAL

do tempo
depois disso
deixa que vivam
na natureza, sem
o tal, o tal...
por isso de um dia
para o outro

Drummond
o modo de pensar
dele não mudou
nem de um dia
para o outro

DF
LETRAS
faz dez anos...

ORA
faz dez anos...

A ousadia
que deu
bons frutos

DF Letras.

A N O S

**Pirajibana
enfeitiçada telegrafista
de Salinas**

**A crítica e a crítica
dos "comunicólogos
de carteira"**



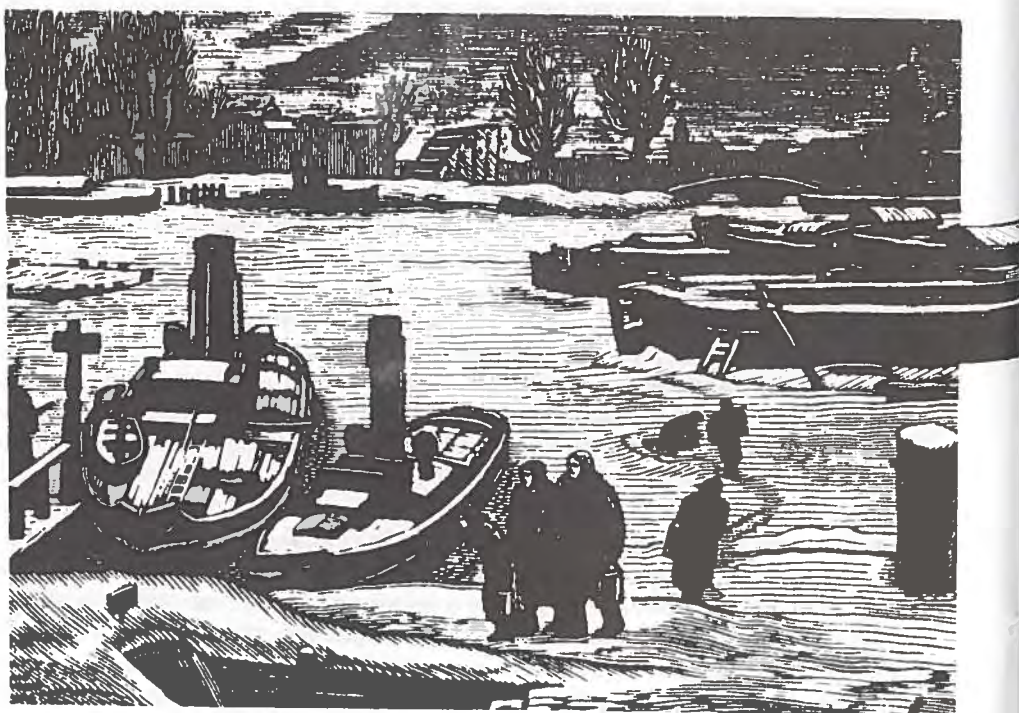
O continente e a ilha

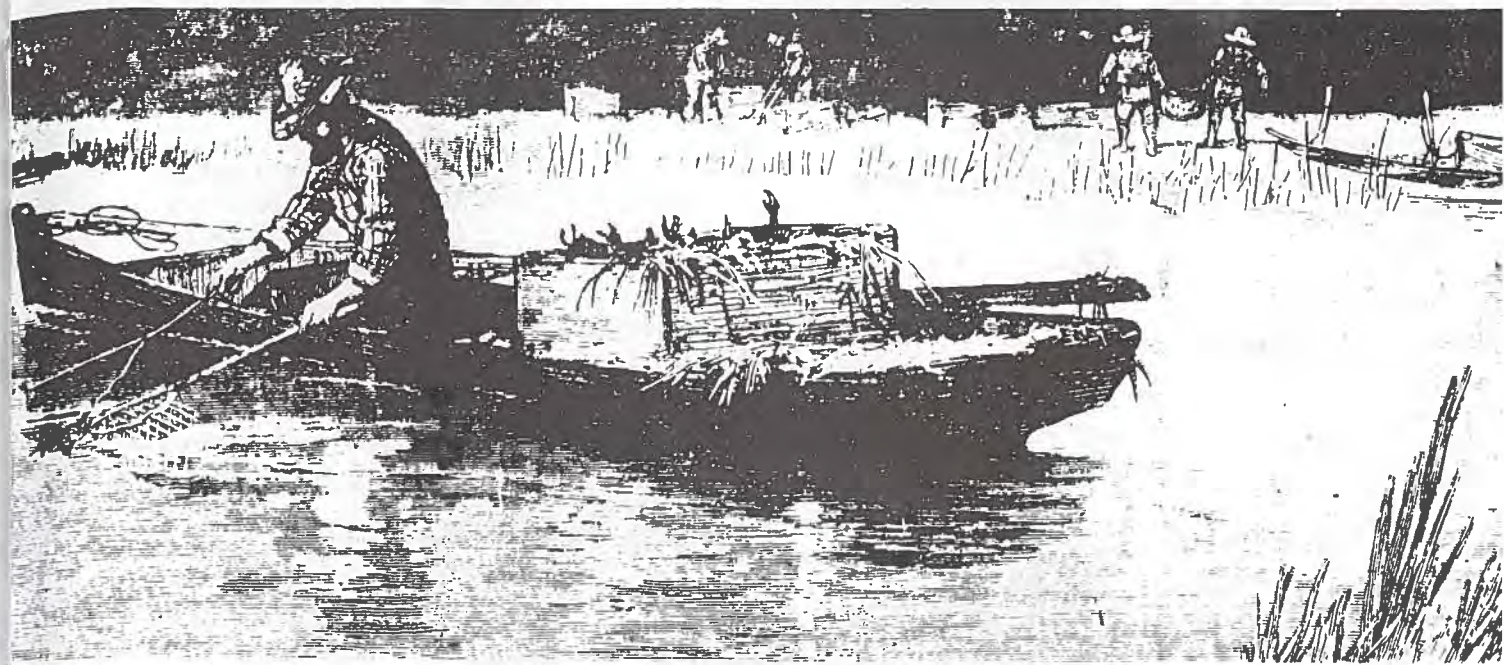
□ ASTRID CABRAL

A onipresença marinha é sentida ao longo das mais de cem páginas, seja na área vocabular, seja na imagética. O mar é a força transfiguradora da realidade imediata. Por isso o ato do amor adquire contornos marinhos... Em seu mergulho nas águas interiores, o autor se dissolve e se metamorfoseia em outras formas cósmicas.

O que ressalta à primeira leitura de *O continente e a ilha*, livro de Reynaldo Valinho Alvarez recém-lançado pela Tempo Brasileiro, é a extrema coesão da obra. Nela todos os elementos se integram, as imagens se correspondem, os detalhes se somam, contribuindo para a harmonia e altitude poéticas. Tal encadeamento atinge seu clímax formal no assíduo uso das coroas de soneto (em total de três: *Saindo da caverna*, *Razão de nave-*

gar e Reinvenção da aurora) e impõe-se no plano do significado pelo retorno quase obsessivo do tema de isolamento com suas variantes de solidão, exílio, desterro. Até a polaridade ilha/continente (o micro e o macro) é neutralizada pela avassaladora presença do mar que os envolve. Não será exagero dizer que o mar é a megametáfora estruturadora do livro. O próprio poeta afirma: "Sou mar encapelado, peixe em ruína" e, no sone-





to 12 de *Razão de navegar*, reafirma “sou o peixe”, o “peixe atormentado”.

A onipresença marinha é sentida ao longo das mais de cem páginas, seja na área vocabular, seja na imagética. O mar é a força transfiguradora da realidade imediata. Por isso o ato do amor adquire contornos marinhos:

pois também gostaria de abrigar-me nessas angras amenas do teu corpo e ancorar o veleiro no canal,

para ofegar em paz sobre teu ventre.

O fato é que a leitura do livro se efetua como um périplo pelo oceano da subjetividade, viagem no dorso das ondas de reflexão ou evocação geradas pela dinâmica criadora de RVA. Se o poeta se refere ao “fardo agreste deste insulso mar”, associando-o a seu

estado emocional “Agora estou imerso nestas águas/de forte mar e fundo de desespero”, nem por isso o mar salgado das caravelas lusitanas deixa de emergir. A presença atávica assombra o imaginário deste brasileiro de ancestrais galegos:

Vim na semente e no óvulo da Ibéria salgado pela longa travessia.

Do Mar-Oceano, guardo o ouvido inquieto sempre atento ao rugir da tempestade.

.....
O Minho, em seu fluir, fez-me o que voga sem querer, para o mar desconhecido.

Em seu mergulho nas águas interiores, o autor se dissolve e se metamorfoseia em outras formas cósmicas. “Acutilado/pelas penhas aspérrimas do medo”, transforma-se

em lagarto, serpente, ave, rio, arbustos, semente. O poema 13 do *Manual de conduta* exemplifica magistralmente a dinâmica protéica de sua imaginação poética. Tal dinâmica repercute em nível de estruturação verbal na pluralidade de ritmos. RVA é um exímio construtor do verso. Vai desde a rigorosa disciplina dos alexandrinos, decassílabos e redondilhas aos metros menos matemáticos e imprevisíveis de composições como “A miséria dos dias”, “Em tarde ser” e alguns poemas de *Manual de conduta*.

Ao reelaborar a tradição literária, RVA vincula-se primordialmente ao Jorge de Lima de *Invenção de Orfeu*, poema multiforme que amalgama de modo genial o épico e o lírico. Aqui e ali também surgem reminiscências de expressões camonianas. Mantendo alusões greco-romanas, de teor mitológico ou literário (Nereidas, Afrodite, Homero, Vergílio, Horácio, etc.) o autor vai, de modo sutil, envolvendo a contemporaneidade de uma túnica clássica capaz de inserir o presente na continuidade do passado que permanece.

Parafraseando a inquietação vital do mar, o poeta de *O continente e a ilha* oscila entre os temas sociais e in-



dividuais, simbolicamente representados pelo continente, nas composições de cunho épico, e pela ilha, naquelas de caráter mais lírico. Essa distinção é apontada pelo próprio Valinho:

*Na ilha torna-se fácil
pescar no fundo do ser
porque o campo é limitado
e há tempo para escolher*

Por sua vez, ao se debruçar sobre o amplo campo do continente americano, ele associa à funda emoção pessoal uma atitude de lúcida crítica. Tomem-se os versos:

*estou feito de ilhas
sou meu próprio arquipélago
também estás feita de
ilhas América
e és toda um arquipélago*

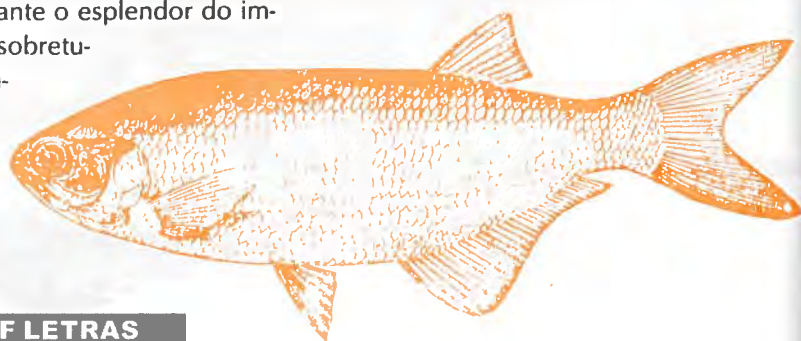
onde o dilaceramento pessoal e a disparidade sócio-econômica entre as Américas surgem associados em eloqüente imagem. A constatação da miséria latino-americana explicita-se ainda mais na pergunta:

*quem construiu a máquina do mundo
para girar sempre ao contrário
ao reverso do sul?*

Está-se, portanto, bem longe da euforia whitmaniana. A Norte-América do século XIX comportava a fé no progresso. Os tributos do capitalismo e da industrialização não esmagavam tanto os ombros humanos. Ainda não se justificava a nostalgia da era pré-industrial "antes que as chaminés fossem plantadas", quando "o mundo era dos homens". Whitman mitificava a



América dos *carols* e *chants*, mas, no limiar do XXI, o canto de Valinho jorra "pus" em vez de "flores". É denúncia em vez de louvor. Do bardo norte-americano, nosso poeta herda o sentimento de solidariedade, mas, sem poder comungar com o inocente otimismo, rompe com a visão ilusória da "athletic democracy". RVA sabe que não se cumpriu a aspiração humanitária "that no one state may under any circumstances be subjected to another state" e procede ao exorcismo dos genocídios e à evocação dos mitos pré-colombianos. Seus olhos não se deslumbram ante o esplendor do império, vêem sobretudo o sofrimento e a impotência em extirpar-lhe as causas:



*Como falar da erva que
cresce no campo
quando estou solitário
e meu gesto solidário é
paralisado
pelas bestas do
Apocalipse?*

Tanta amargura conduzirá necessariamente à gênese da utopia como saída para a sobrevivência. A despeito do desespero que se infiltra ao longo do livro, o sonho persiste:

*é possível que um dia
possamos aspirar
o perfume tranqüilo
dos bosques outonais
de Connecticut*

.....
*haverá então um momento
de paz em plena
América.*

O individualismo, dolorosamente vivido pelo poeta no mundo fragmentador da atualida-

de ("Muitos perguntam por que estou na ilha/de incansável e fundo desespero. Mas noto que não lançam ponte ou nadam / para estender-me a ponta de seus dedos"), vai encontrar sua redenção na presença amorosa do outro, na coexistência fraterna, no verbo ungido pela arte. Ao fim da belíssima mas tormentosa travessia poética, brota a canção da esperança:

*Agora é tempo de acordar a fala
silenciada sob a pedra muda
e construir a ponte para a vida.*